



O ESPAÇO LOCAL COMO POSSIBILIDADE DE TRABALHO DE CAMPO: A MATA DA BIOLOGIA (UFV)

Danielle Cristina de Souza ¹
Daniely da Cunha Carneiro ²
Wilson Pereira do Prado ³
Janete Regina de Oliveira ⁴

RESUMO

O presente trabalho teve como base o uso da Mata da Biologia, localizada no campus da Universidade Federal de Viçosa (UFV), em Viçosa (MG), como espaço para a realização de um trabalho de campo no ensino de Geografia. A atividade foi desenvolvida no âmbito do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), com foco na formação inicial dos Iniciantes à Docência (ID's) do Núcleo de Geografia. A escolha da Mata se deu por sua relevância ecológica, histórica e social para o município, sendo um remanescente da Mata Atlântica e um espaço de ensino, pesquisa e lazer. O principal objetivo foi explorar o trabalho de campo como metodologia alternativa, promovendo a vivência prática e a construção de saberes por meio da observação direta. Segundo Cavalcanti (1998), essa estratégia permite articular teoria e realidade, desenvolvendo um pensamento crítico e espacial. Nesse contexto, o conceito de paisagem foi central, compreendido a partir de Santos (2006) como um sistema material resultante das interações históricas entre sociedade e natureza. Durante a atividade, os participantes abordaram temas como educação ambiental, leitura da paisagem e exercício do olhar geográfico, estimulando a interpretação do espaço a partir da observação e da imaginação. A metodologia adotada teve caráter qualitativo e formativo, favorecendo o contato direto com o espaço geográfico. A experiência demonstrou o potencial do trabalho de campo para a compreensão de conceitos geográficos e para o desenvolvimento de habilidades como a leitura crítica da paisagem e a valorização do meio ambiente local. Conclui-se que a atividade foi eficaz para articular teoria e prática em um ambiente significativo, contribuindo para uma formação docente mais sensível, crítica e conectada com as vivências concretas dos espaços.

Palavras-chave: Ensino de Geografia, Trabalho de Campo, Educação Ambiental.

INTRODUÇÃO

O trabalho de campo constitui uma das práticas mais tradicionais e significativas do ensino de Geografia. Desde suas origens enquanto ciência moderna, a Geografia desenvolveu-se a partir da observação direta da paisagem, da descrição das formas espaciais e

1 Graduanda do Curso de Geografia da Universidade Federal de Viçosa - UFV, danielle.c.souza@ufv.br;

2 Graduanda do Curso de Geografia da Universidade Federal de Viçosa - UFV, daniely.carneiro@ufv.br;

3 Graduando do Curso de Geografia da Universidade Federal de Viçosa - UFV, wilson.prado@ufv.br;

4 Professora do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Viçosa - UFV, janete.oliveira@ufv.br.





da produção de conhecimento sobre o mundo empírico (Hissa; Oliveira, 2004). No entanto, a ressignificação contemporânea dessa prática a transforma não apenas em um método de coleta de dados, mas em um potente recurso didático e formativo, capaz de articular teoria, prática e reflexão crítica sobre o espaço geográfico (Azambuja, 2012; Lopes; Pontuschka, 2011).

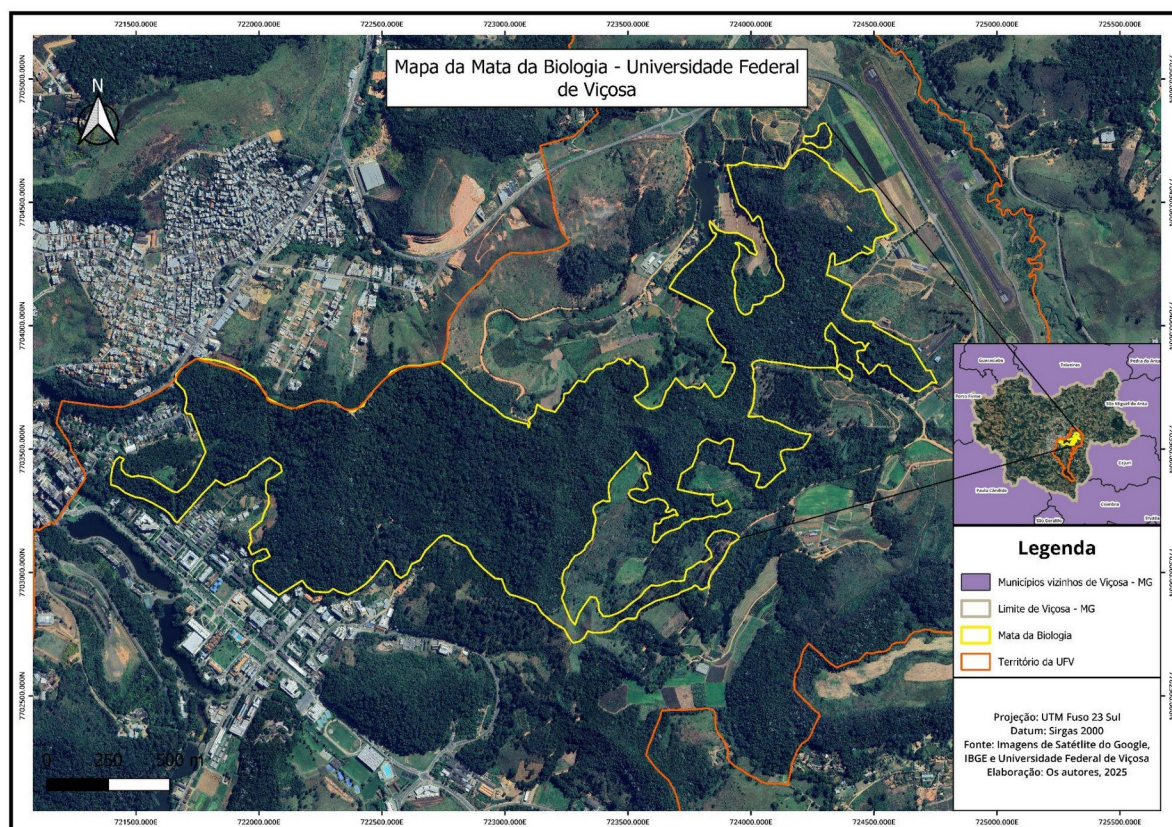
Nas últimas décadas, a renovação do ensino de Geografia tem demandado metodologias que promovam a construção ativa e significativa do conhecimento escolar, superando práticas conteudistas ainda comuns em muitas salas de aula. Como propõe Cavalcanti (2002), o ensino de Geografia deve possibilitar ao aluno compreender o mundo em que vive, a partir da leitura crítica da paisagem, da análise dos processos socioespaciais e da valorização de suas experiências cotidianas. Nesse sentido, o trabalho de campo se mostra uma estratégia metodológica coerente com essa proposta, ao permitir a observação direta das dinâmicas que envolvem o espaço, compreensão dos lugares e paisagens, e desenvolvimento da visão crítica.

É nesse contexto que se insere a proposta deste trabalho, que tem como objetivo refletir sobre o uso da Mata da Biologia como possibilidade metodológica de trabalho de campo no ensino de Geografia, a partir de uma experiência formativa realizada no âmbito do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) com os Iniciantes à Docência (ID's) do Núcleo de Geografia da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Embora a atividade não tenha sido desenvolvida com turmas da educação básica, ela foi planejada com esse intuito, funcionando como um exercício preparatório.

A escolha pela Mata da Biologia se justifica por sua relevância múltipla para Viçosa, reunindo aspectos ecológicos, históricos e educacionais. Com aproximadamente 75 hectares, é a maior área verde em região urbana do município e se caracteriza por trilhas, remanescentes de vegetação da Mata Atlântica e estruturas de uso público. Como espaço de educação ambiental e leitura da paisagem, a mata reúne potencialidades para o ensino interdisciplinar e a reflexão sobre a relação entre sociedade e natureza (Sato, 2006; Batista *et al.*, 2019).



Figura 1 - Mapa de localização da Mata da Biologia



Fonte: os autores

Durante a atividade, os ID's foram incentivados a exercitar o olhar geográfico. Como destaca Castellar (2010), a paisagem é também sensível e simbólica, e o campo pode ser compreendido como um momento de diálogo entre razão e emoção. Nesse mesmo percurso, foi trabalhado o conceito de rugosidade, de Milton Santos (2006), levando os participantes a perceberem as permanências do passado no presente da paisagem, e a imaginar como aquele território já foi ocupado por monoculturas como o café.

Dessa forma, a proposta contribuiu para a construção de saberes docentes contextualizados e críticos, articulando a formação teórica com a vivência prática em um espaço educativo fora da sala de aula tradicional. Como afirma Tardif (2014), os saberes profissionais do professor são construídos na experiência, e o contato com o real é fundamental na formação inicial. Assim, refletir sobre o uso pedagógico da Mata da Biologia





é também refletir sobre a renovação da prática geográfica escolar e sobre a valorização do território como objeto de ensino.

METODOLOGIA

Este trabalho baseia-se em uma experiência formativa realizada com os licenciandos participantes do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) do curso do curso de Geografia da Universidade Federal de Viçosa (UFV), tendo como foco a utilização da Mata da Biologia como espaço metodológico para o ensino de Geografia. Embora a atividade não tenha sido desenvolvida diretamente com turmas da educação básica, ela foi planejada com esse propósito, funcionando como uma preparação didático-pedagógica para a atuação futura dos licenciandos em contextos escolares. A proposta visava testar possibilidades de abordagem do trabalho de campo com alunos do ensino fundamental ou médio, especialmente em temáticas relacionadas à paisagem, ao território e à relação sociedade-natureza.

A atividade ocorreu na Mata da Biologia, área de 75 hectares com remanescentes de Mata Atlântica e grande valor ambiental para a cidade. A trilha utilizada foi realizada em parceria com uma integrante do grupo de extensão "Trilheiros do Sauá", essa colaboração também está prevista como uma possibilidade futura para a aplicação do projeto com estudantes da educação básica, de forma a agregar ainda mais o trabalho de campo.

Antes da entrada na trilha, foi realizada uma breve introdução teórica com os ID's. Nessa etapa, foram apresentados imagens de satélite da Mata da Biologia, com o objetivo de promover uma leitura inicial da área, sua dimensão espacial e localização no contexto urbano de Viçosa. A atividade buscou estimular a leitura crítica do espaço, partindo da ideia de que o campo deve ser compreendido como mediação entre teoria e realidade (Azambuja, 2012).

Durante a caminhada, os participantes foram incentivados a observar os diferentes elementos da paisagem, com destaque para as espécies arbóreas predominantes, as características do relevo, os vestígios de intervenções humanas e as interações entre os componentes naturais e sociais do espaço. Foram discutidos conceitos fundamentais da Geografia, como paisagem, lugar, natureza e território, além da leitura da paisagem a partir da noção de rugosidade, já discutida teoricamente.





Como exercício interpretativo, os ID's foram convidados a imaginar como seria a paisagem daquela mata em períodos anteriores à regeneração natural, quando era ocupada por lavouras de café. A partir dessa provocação, produziram desenhos livres representando a possível configuração da área no passado, articulando suas percepções com o conteúdo teórico previamente discutido. Essa abordagem buscou estimular a leitura crítica do espaço, promovendo uma compreensão da paisagem enquanto produto da ação humana e natural no tempo. Pensada para a escola, essa mesma atividade permitiria desenvolver com os alunos habilidades relacionadas à leitura da paisagem, ao uso de diferentes linguagens geográficas (mapas, imagens, desenhos) e à problematização do espaço vivido, contribuindo para a formação de sujeitos capazes de compreender e intervir no mundo em que vivem.

A metodologia adotada teve caráter qualitativo e formativo, com foco na observação, na vivência prática e na construção de saberes situados. A proposta buscou aproximar os licenciandos de práticas de ensino que valorizam o contato direto com o espaço geográfico, a leitura da paisagem e o uso de metodologias ativas. Ainda que aplicada em contexto de formação inicial, a experiência foi concebida como modelo replicável no ensino de Geografia na educação básica, contribuindo para o desenvolvimento de abordagens interdisciplinares, sensíveis e contextualizadas.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para iniciar, é importante entender que o trabalho de campo diferencia-se de passeio ou excursão realizada pela escola ou faculdade, o trabalho de campo deve conter um objetivo, ou seja, uma espécie de roteiro, no qual o aluno sai a campo já ciente do que deve observar e analisar.

Adalberto e Oscar citam em sua obra as definições de trabalho de campo de acordo com Compiani e Carneiro, essas definições se dão de acordo com o papel didático que o campo assume no processo de ensino-aprendizagem, ou seja, como a atividade vai influenciar na construção de conhecimentos (Scortegagna e Negrão, 2005). Os parâmetros utilizados pelos autores citados são: objetivos pretendidos, visão de ensino, emprego/questionamento dos modelos científicos existentes método de ensino e relação docente-aluno e a lógica predominante no processo de aprendizagem, esses parâmetros vão variar de acordo com o





papel que o trabalho de campo estabelece: se é ilustrativo, indutivo, motivador, treinador, investigativo ou autônomo (Scortegagna e Negrão, 2005).

De acordo com as pesquisas expostas, presentes na obra de Adalberto e Oscar, é possível concluir que o trabalho de campo que menos tem efeito no processo de ensino-aprendizagem é o que possui o papel ilustrativo, pois esse não é forte nos quesitos desenvolver e exercitar habilidades, estruturar hipóteses/sínteses e criar conhecimentos e nem em desenvolver atitudes e valores, além disso, esse é mais centrado no professor, ou seja, este como detentor de todo conhecimento. Em contrapartida, os dois trabalhos de campo que mais influenciam no processo de ensino-aprendizagem são os de papel investigativo e autônomo, estes possuem todos os parâmetros fortes, tendo em comum o objetivo de estruturar hipótese/sínteses e criar conhecimento com influência muito forte (Scortegagna e Negrão, 2005). Pode-se concluir que há muitas alternativas de trabalhos de campo com diferentes metodologias e didáticas, o professor deve escolher aquela proposta metodológica que melhor se adequa à sua concepção teórica e aos objetivos traçados no processo de ensino e aprendizagem ou instigar no aluno, mesmo que de acordo com as conclusões dos autores aqui expostos, os trabalhos de campo mais eficazes são o autônomo e investigativo. Afinal, cada docente deve priorizar o caminho mais adequado ao seu contexto, de acordo com a turma, com a instituição e com o conteúdo que deseja abordar.

Na Geografia, o trabalho de campo se faz imprescindível, tanto no ensino fundamental, como no médio, na graduação e na elaboração de pesquisas. Uma vez que a paisagem, conceito caro para geografia, é o resultado da interação sociedade/natureza, a partir dessa, é possível enxergar o que Milton Santos (2006) chama de rugosidades, que seria o testemunho das relações existentes no espaço. Complementando essa visão, Oliveira e Santos (2021, p. 209) reforçam a dimensão histórica e analítica do conceito ao afirmarem que 'A paisagem guarda as marcas dos diversos momentos da relação sociedade/natureza e, por isso, também, a grande importância delegada ao termo, concebido, então, como categoria de análise definida a partir de uma realidade concreta.' Nesse sentido, a escolha da Mata da Biologia como espaço de trabalho de campo se alinha a essa perspectiva teórica, pois permite a leitura e interpretação dessas marcas históricas, promovendo a concretização da paisagem como um ponto de partida para a análise do espaço.





O foco do Ensino de Geografia é a construção do pensamento geográfico, que Cavalcanti (2019) define como a capacidade de analisar a realidade sob uma perspectiva espacial, utilizando os conceitos-chave da disciplina. Esse pensamento é uma forma de raciocínio que articula as ferramentas teóricas (como Paisagem e Território), as operações mentais (que ajudam a localizar e conectar os fenômenos) e as linguagens de representação (como a cartografia). Dessa forma, o trabalho de campo se torna indispensável por ser o ambiente onde o aluno aplica concretamente esses elementos na leitura e interpretação da realidade vivida.

É nesse contexto que se insere a relevância do espaço vivido. Realizar um trabalho de campo no município ou numa área próxima à unidade de ensino é uma ótima forma de aproximar os conteúdos geográficos da realidade do aluno, fazendo com que ele entenda seu papel na sociedade enquanto cidadão. A busca por diferentes métodos de ensino ajuda a dinamizar o processo de ensino e aprendizagem, no qual a relação entre trabalho de campo e ensino de Geografia se mostra como um recurso didático renovado no campo da educação (Azambuja, 2012). A partir do uso do trabalho de campo como método de ensino, a observação e a descrição podem ser trabalhadas, sendo importantes para a construção do saber geográfico. Dessa forma, ao utilizar a Mata da Biologia como recurso metodológico para o ensino de Geografia, promove-se uma aproximação concreta entre aluno e espaço geográfico, permitindo o alinhamento e a interação entre teoria e prática.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ficou evidente que a utilização do trabalho de campo na Mata da Biologia permitiu uma maior compreensão por parte dos ID's do processo de formação desse espaço. Os elementos que perduraram na paisagem, como os resquícios da lavoura de café, confirmam a presença de rugosidades, permitindo relacionar passado e presente na formação da paisagem, indicando modificações no uso do solo ao longo do tempo, haja vista que a Mata da Biologia atualmente possui grande parte de sua área coberta por vegetação.

A análise desse processo durante o trabalho de campo possibilitou um olhar crítico dos ID's em relação ao processo de formação da paisagem da Mata da Biologia, o que abre precedentes para que essa análise seja feita com outros tipos de paisagem. Isso é fundamental do ponto de vista geográfico, levando-se em consideração que a geografia é uma ciência que





se debruça sobre os processos antrópicos e naturais que formam o espaço. Nesse sentido, essa metodologia, ao ser aplicada posteriormente com alunos do ensino fundamental e médio, potencializa o desenvolvimento do olhar crítico problematizado com os ID's. Tais práticas, que envolvem a perspectiva ativa, buscam ampliar o leque de opções metodológicas disponíveis aos professores no processo de construção do conhecimento, tendo a realidade do estudante como ponto de partida.

Nesse contexto, a Mata da Biologia se apresenta como um espaço de grande potencial pedagógico para a educação básica, especialmente no ensino de Geografia. Ao analisar a BNCC do Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano) foram identificadas as seguintes habilidades e competências que fundamentam o desenvolvimento do raciocínio geográfico e a leitura crítica do espaço, de modo que o campo pode ser utilizado para o trabalho com conteúdos como: elementos e transformações da paisagem (EF06GE01, EF07GE01), relações sociedade-natureza (EF06GE11), além de temas transversais como sustentabilidade e conservação da biodiversidade. Já no ensino médio, o trabalho de campo pode ser articulado destacando-se habilidades como contextualizar, comparar e avaliar os impactos de diferentes modelos socioeconômicos no uso dos recursos naturais e na promoção da sustentabilidade socioambiental (EM13CHS306) e utilizar linguagens cartográficas, gráficas e iconográficas para interpretar e comunicar informações geográficas de forma crítica e reflexiva (EM13CHS106). Essa aproximação permite que o estudante compreenda o espaço como produto histórico e social, mas também como lugar vivido, reforçando a importância do território no cotidiano.

Do ponto de vista metodológico, o campo possibilita o desenvolvimento de diferentes atividades práticas que podem ser adaptadas às turmas da educação básica: produção de *croquis* e mapas mentais a partir da observação; elaboração de desenhos comparativos entre a paisagem atual e seu passado histórico; registros fotográficos feitos pelos próprios estudantes, seguidos de análise em sala; e debates orientados sobre questões ambientais locais, como conservação, uso público e impactos urbanos sobre a Mata da Biologia. Essas práticas estimulam a observação sistemática, a interpretação e a comunicação em múltiplas linguagens, favorecendo a construção de aprendizagens significativas, em consonância com a ideia de que o campo deve ser mediação entre teoria e realidade (Azambuja, 2012) e que o ensino de Geografia deve favorecer a leitura crítica da paisagem e do espaço vivido (Cavalcanti, 2002). Além disso, ao valorizar o contato direto com a natureza, o trabalho de





campo contribui para uma formação sensível e crítica, alinhada às propostas de educação ambiental que defendem a interação entre sociedade e meio natural como prática transformadora (Sato, 2006).

Embora apresente potencial para articulações interdisciplinares, o maior destaque dessa experiência está no fortalecimento do olhar geográfico: observar, interpretar e problematizar a paisagem como resultado das dinâmicas sociais e naturais. Ao inserir os estudantes em contato direto com a realidade local, o professor amplia as condições para que desenvolvam competências próprias da Geografia, como a análise crítica do espaço vivido e a compreensão da espacialidade dos fenômenos. Como defende Cavalcanti (2002), o ensino de Geografia deve possibilitar ao aluno “ler o espaço geográfico, compreender suas dinâmicas e posicionar-se criticamente diante delas”, o que reforça a necessidade de práticas que articulem teoria e realidade. Da mesma forma, Callai (2005) destaca que o olhar geográfico é construído quando o estudante aprende a perceber a paisagem como expressão das relações sociais, econômicas, políticas e culturais que a produzem. Assim, a Mata da Biologia não é apenas um cenário de estudo, mas um recurso metodológico que favorece a formação de sujeitos críticos e conscientes de seu papel no espaço em que vivem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A utilização do trabalho de campo se mostra como uma ferramenta pedagógica e metodológica extremamente essencial para o ensino e aprendizagem de Geografia e para a construção do pensamento geográfico. A experiência evidenciou que essa metodologia estimula a observação, o pensamento crítico, a interpretação e a interação com o espaço, reforçando a construção da aprendizagem significativa, articulando e integrando teoria e prática em um ambiente fora do tradicional.

A aplicação desta atividade reforça a importância de se valorizar estratégias de ensino que transcendem as paredes das salas de aula, promovendo aprendizagens significativas por meio da experiência e da conexão com o mundo real, despertando no aluno o senso crítico e a capacidade de compreender dinâmicas por meio da observação direta e da realidade fora da sala de aula.

Além disso, percebe-se que a Mata da Biologia, como instrumento metodológico de ensino de Geografia, demonstrou ser uma ótima possibilidade para se trabalhar o ensino de





Geografia, uma vez que, a partir desse espaço, aspectos como educação ambiental, leitura dos elementos da paisagem e exercício do olhar geográfico puderam ser trabalhados, permitindo uma aprendizagem mais significativa, contextualizada e dinâmica, alinhando teoria e prática a partir da participação ativa dos ID's e, no futuro, podendo ser aplicada para estudantes da educação básica.

Diante disso, pode-se concluir que o trabalho de campo possui um grande potencial no ensino de Geografia, contanto que seja previamente planejado e contextualizado. A Mata da Biologia, neste contexto, revela-se como uma ferramenta de grande potencial pedagógico, podendo ser utilizada para diversas possibilidades e finalidades no processo de construção do ensino e da aprendizagem em Geografia, uma vez que a prática de romper os muros das salas de aula favorece a obtenção de diferentes e mais ricas leituras do espaço geográfico.

REFERÊNCIAS

AZAMBUJA, Leonardo Dirceu. **Trabalho de campo e ensino de Geografia**. Geosul, Florianópolis, v. 27, n. 54, p. 181–195, jul./dez. 2012.

BATISTA, Aline Duarte *et al.* **Perfil dos usuários e a necessidade da gestão participativa para o uso público da Mata da Biologia, Viçosa, MG**. Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA), São Paulo, v. 14, n. 1, p. 56–73, 2019.

BRAUN, Ani Maria Swarowsky. **ROMPENDO OS MUROS DA SALA DE AULA: O TRABALHO DE CAMPO NA APRENDIZAGEM DE GEOGRAFIA**. Ágora, Santa Cruz do Sul, v. 13, n. 1, p. 250–272, jan./jun. 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 20/10/2025

CAVALCANTI, Lana de Souza. Estudo do meio como metodologia de ensino e pesquisa em Geografia. In: CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas: Papirus, 2002. p. 149–176.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Pensar pela Geografia: ensino e relevância social**. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2019.

CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella. **A paisagem no ensino de Geografia: aproximações entre ciência e arte**. São Paulo: Contexto, 2010.





FUENTE, Adriano De La; SAMPAIO, Adrianly de Ávila Melo. **O TRABALHO DE CAMPO NO ENSINO DE GEOGRAFIA**. Revista Caminhos de Geografia, Uberlândia-MG, v. 20, n. 69, p. 451–466, mar. 2019.

HISSA, Cássio Eduardo Viana; OLIVEIRA, Janete Regina de. **O trabalho de campo: reflexões sobre a tradição geográfica**. Boletim Goiano de Geografia, Goiânia, v. 24, n. 1/2, p. 31–41, 2004.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2006.

SCORTEGAGNA, A. ; NEGRÃO, O. B. M. **Trabalhos de Campo na disciplina de Geologia Introdutória: a saída autônoma e seu papel didático**. Terrae Didatica, Campinas, SP, v. 1, n. 1, p. 36-43, 2005. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/td/article/view/8637443/5153>. Acesso em: 16 jul de 2025.

LOPES, Claudia Rosa Acevedo; PONTUSCHKA, Nancy Nasser. **Educação geográfica e trabalho de campo: uma proposta de ensino**. São Paulo: Contexto, 2011.

OLIVEIRA, Janete Regina de; SANTOS, Larissa Galvão Fontes dos. **Saberes e fazeres: o trabalho de campo como prática pedagógica em Geografia**. Revista de Ciências Humanas, Viçosa, MG, v. 21, n. 1, p. 202-218, jan./jun. 2021.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2014.

TOMITA, Luzia M. Saito. **Trabalho de campo como instrumento de ensino em Geografia**. Geografia, Londrina, v. 8, n. 1, p. 13–15, jan./jun. 1999.

